

MATERNIDADE E EDUCAÇÃO – DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA NA UFPI CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO¹

Aline Maria Santos de Sousa

Carlíane de Jesus Souza

Pedro Antonio Santos do Nascimento

Zaira Araújo da Silva²

Samuel Pires Melo³

RESUMO

A presente pesquisa pretendeu investigar a experiência dessas mulheres que combinam maternidade e vida acadêmica. Nela, acompanhamos o cotidiano dessas atrizes que são cercados por desafios diários e quebra de preconceitos em busca de um ensino que respeite as suas particularidades e aceite a sua condição de mãe e estudante. Por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando das técnicas observação direta e entrevistas, ouvimos as estudantes mães e os setores universitários (direção do campus e o Núcleo de Assistência Estudantil), para a melhor compreensão dos desafios enfrentados e as possibilidades ofertadas durante o processo de formação acadêmica. Verificamos que essas estudantes questionam principalmente a falta de direitos, elas não buscam privilégios, mas direitos que asseguram a igualdade na educação e nas oportunidades ofertadas a todas as universitárias, sejam mães ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Mães. Universitárias. Travessias educacionais.

¹ Artigo produzido como um dos requisitos necessários para a aprovação na disciplina Sociologia da Educação II do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV).

² Acadêmicos do bloco 03 (2017.1) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV).

³ Orientador e professor da disciplina de Sociologia da Educação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV).

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem foco na vida das mães universitárias, caracterizando o modo como aspectos de seu cotidiano familiar e social influenciam na vida acadêmica dessas mães. Nosso interesse em estudar esse tema surgiu com a finalidade de mostrar os desafios e possibilidades em conciliar maternidade e educação, no que se refere ao processo de formação acadêmica na Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso.

Essa pesquisa contribuirá para avaliar os tipos de assistências oferecidos a essas mulheres que precisam de suporte para conciliar a criação de seus filhos junto com sua formação, bem como compreender as dificuldades enfrentadas pelas mesmas, para que assim possamos quebrar preconceitos e mostrar que há um longo caminho a percorrer no que diz respeito a criação de programas de incentivo.

O principal objetivo da pesquisa é investigar como se dá a experiência dessas mulheres que combinam maternidade e vida acadêmica. Delineando principalmente como objetivos específicos analisar os aspectos da vida familiar e social que possibilitam e dificultam o acesso e permanência delas no ambiente universitário. Bem como verificar se existem programas de assistência oferecidos pela universidade ou algo do tipo, pontuando fatores internos e externos que auxiliam e/ou impossibilitam a continuidade das atividades acadêmicas.

Quando uma mulher se torna mãe, normalmente, em nossa cultura ela é considerada realizada, mas se decidir não ter filhos ela é vista como um ser incompleto e até mal amada. O imaginário que envolve a maternidade é tão fantasiado que conseqüentemente minimiza as dificuldades encontradas no processo de tornar-se mãe. Nesse contexto, acredita-se que a mulher nasce com o instinto materno, ama crianças e sonha em ser mãe, ignorando o desejo particular de formação e realização profissional da mesma.

Ao contrário do que se pensa, a maternidade não é um processo agradável e natural para todas as mulheres, nem para as heterossexuais casadas que não sejam “muito novas” ou ‘muito velhas” e que tenham estabilidade financeira. Portanto, Steves (2007) pontua uma mudança significativa relacionada à maternidade:

Por muito tempo a maternidade foi considerada uma experiência puramente biológica, fixada literal e simbolicamente nos limites do domínio privado e emocional. Hoje, debatemos a função e o status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade se diversifica, uma vez que à mãe tradicional [esta que falávamos a pouco] vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adolescente, a mãe solteira, a mãe prisioneira, a mãe pobre, a mãe negra, a mãe genética, etc (p.18).

Nesse sentido, o estudo vem descortinar a romantização da mãe ideal através do cotidiano vivido pelas mães universitárias, partindo das seguintes questões: como se dá a experiência dessas mulheres que combinam maternidade e vida acadêmica? Quais as principais dificuldades e apoios encontrados no processo de tornar-se estudantes mães?

METODOLOGIA

A abordagem utilizada foi do tipo qualitativa, pois buscamos compreender os sentidos de viver, trabalhar e estudar das estudantes mães. Fizemos observações do tipo direta e entrevistas semiestruturadas. Essas técnicas foram importantes porque a pesquisa envolvia um assunto de teor pessoal e social que iria utilizar do cotidiano de cada entrevistada para afirmar a veracidade dos fatos. As mães escolhidas foram selecionadas em diferentes momentos, com histórias distintas e maneiras até mesmo opostas de verem a situação de mãe estudantes dentro do campus.

A pesquisa foi realizada com sete mulheres que estão vivenciando a maternidade na condição de estudantes universitária (incluindo mães de cursos e períodos diferentes) e uma que já passou por esse processo. As entrevistadas foram: Anne, 25 anos, 8º período de psicologia; Carliane, 26 anos, 3º período de pedagogia; Christyelle, 33 anos, graduada em pedagoga; Ludhane, 30 anos, 4º período de biomedicina; Luana, 28 anos, 3º período de pedagogia; Luzia, 28 anos, 1º período de pedagogia; Regina, 30 anos, 3º período de pedagogia; Zilmara, 29 anos, 10º período de psicologia. Das oito entrevistadas, seis são casadas e duas são solteiras.

Foram entrevistados também o diretor do campus e uma assistente social do Núcleo de Assistência Estudantil. Essa investigação ocorreu ao longo do mês de junho na UFPI – CMRV. Uma experiência desafiadora para o grupo, pois precisávamos

conciliar nosso tempo com a disponibilidade das estudantes que possuem várias responsabilidades dentro e fora do campus.

Utilizamos como técnica para compreensão das informações obtidas, a análise de conteúdo de Bardin (1977). Com ela, foi possível selecionar as frases com sentidos comuns e dispare, tendo assim uma dimensão mais complexa o que nos propusemos compreender.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base em alguns depoimentos das participantes, podemos abrir uns insights de compreensão de como é ser surpreendida por uma gravidez não planejada e vivenciar a maternidade no contexto acadêmico. Segundo Torres (2000), “dos homens espera-se sempre que sejam indivíduos sem família, às mulheres exige-se que a família sobreponha-se à profissão” (p. 143). Dessa forma, espera-se que a maternidade se sobreponha à vida acadêmica, este é o primeiro desafio encontrado por essas estudantes.

Abrir mão da constituição de uma “família” é visto com maus olhos por boa parte da sociedade, agora para uma mãe abrir mão da sua formação acadêmica e das chances de um futuro com possibilidades reais dentro de um ensino superior é considerado algo banal, ou seja, abandonar sonhos e planos por uma família é aceitável, mas adiar ou não querer essa mesma família é como se cometesse um “crime” perante a sociedade idealista e patriarca.

“De qualquer maneira, quando os filhos chegam, as mulheres em carreira científicas são obrigadas a fazer escolhas difíceis, como o adiamento da ocupação de cargos e uma menor disponibilidade para viagens.” (AQUINO, 2006, p. 17). Não adianta inserir as mulheres em universidades se não houver grandes mudanças culturais no contexto acadêmico e na sociedade como um todo, pois sem essas mudanças as mulheres permanecem em situações desvantajosas.

As estudantes entrevistadas reconhecem que a universidade não é o melhor ambiente para uma criança, porém algumas não tem outra alternativa e relatam a necessidade de levar o filho, já que em alguns casos o marido trabalha e não tem com quem deixar, outras por serem mães solteiras ou pela necessidade de amamentar o

bebê. Algumas estudantes contam com o apoio da família para cuidar da criança enquanto está na universidade, outras não recebem esse apoio familiar e pela falta da condição financeira e a ausência de uma creche no campus não veem outra alternativa a não ser assistir aula com seu filho(a).

As entrevistadas afirmaram que não enfrentam discriminação na carreira acadêmica, mas por uma responsabilidade além do que diz respeito à vida acadêmica se sentem prejudicadas diante dos demais alunos que, frequentemente, tem a universidade como principal responsabilidade. De acordo com elas os diversos setores que compõem o ambiente acadêmico deveria dar-lhes uma atenção especial e suporte (a creche foi o mais solicitado) para que elas tenham mais tempo e possam se dedicar melhor aos estudos.

Contudo, a condição dessas estudantes não deve resumir-se a necessidade de haver ou não a creche, não desvalorizando a importância desse debate para o melhor rendimento acadêmico dessas estudantes e para o bem estar de seus filhos, que acaba ficando com um e outro parente ou passando o dia em um ambiente inadequado para uma criança. A narrativa de Anne nos faz perceber que a luta pelo direito de uma creche é apenas uma das questões enfrentadas nesse contexto.

Quando eu engravidei eu tinha um grupo fixo de amigas, que a gente sempre tem umas pessoas que a gente fica mais próxima que me deram todo um suporte, que foi o que me deixou “poxa eu vou terminar o curso e tudo bem, né?!” e aí o que aconteceu foi que as pessoas simplesmente sumiram depois, eu nunca fui de pedir alguma coisa, eu cheguei ao ponto implorar “pelo amor de Deus não me abandonem!” e mesmo assim isso aconteceu.

Durante o período de licença maternidade essas estudantes enfrentaram grandes desafios, pois muitas vezes os professores deixavam de enviar as atividades necessárias para que elas obtivessem suas notas, deixando de cumprir a legislação sobre os direitos das estudantes que se tornam mães. A lei 6.202 existe desde de 1975. De acordo com o texto, estudantes grávidas podem realizar provas e outras atividades acadêmicas em casa a partir do oitavo mês de gestação. São três meses de dispensa para a mãe, podendo ser estendido com atestado médico. Esse tempo deve contar no currículo escolar, assim como as aulas em casa.

Ao entrar em contato com as mães entrevistadas, procuramos entender como funcionava essa lei na prática e não apenas na teoria, todas contavam com o apoio

de amigos e colegas de turma que serviram de “ponte” entre os professores, a instituição e as disciplinas. Procurando mantê-las atualizadas e questionando os docentes sobre trabalhos e avaliações para que não influenciassem de forma negativa no resultado final de nenhuma delas. Aconteceram casos em que devido à falta de comunicação direta, alguns trabalhos se perderam e situações constrangedoras no fim do período chegaram a acontecer. Lembrando que apesar da presença não ser física na faculdade, a pressão do fim do período e a sobrecarga das matérias enviadas para as mães, junto com as necessidades do bebê acarretam em altas doses de estresse e momentos em que desistir parece ser a única solução.

Além disso, as estudantes mães relataram que o campus constrói muros invisíveis que às impedem de circular com as crianças, como, por exemplo, o restaurante universitário e o transporte institucional. Segundo uma entrevistada: “questões de constrangimento que já passei aqui no campus, por ser barrada no RU, por não poder ir com meus colegas de classe, pra ir no transporte, até mesmo somente na cidade. O diretor então falou que não achava viável uma mãe carregar seu filho num transporte, num ônibus, deu exemplo, por exemplo, se eu fosse ter que ir num congresso, por exemplo, em fortaleza de uma semana, como é que eu poderia ficar lá durante uma semana com um filho, e eu falei pra ele que era uma questão minha, num é?”.

Em resposta as questões levantadas pela estudante, o diretor do campus Alexandre Marinho Oliveira, relatou que: “com respeito a esse caso aí, a questão do transporte, eu vou levar essa situação, em nome desse caso da aluna, inclusive de pedagogia, para uma nova resolução que vai sair dos transportes. Eu vou levar essa situação do caso geral das mães, para saber que nesse caso, no caso de uma mãe que é o caso dela que não tem condição para... não tem com quem deixar o filho. Se teria possibilidade de levar o seu filho para essas, para algum evento, por exemplo, no transporte da universidade”. A assistente do NAE (Núcleo de Assistência Estudantil) assegurou que: “realmente a gente tem falhas, nesse sentido de dar uma atenção maior, com o direito das mães aqui na universidade, de acolhe-las, no sentido de se sentirem a vontade, poxa, eu sou mãe e é uma benção, porque eu também sou e sou estudante e tenho total direito de usufruir da universidade, dos serviços, como o restaurante universitário e o transporte, até bem difícil a gente fazer e ter uma intervenção direta”.

Em meio a tantos obstáculos as estudantes que participaram da pesquisa relataram que em contrapartida vem o amor, a alegria e a aproximação familiar, uma criança é um laço que une duas famílias para toda a vida, as dificuldades vem e testam o psicológico, o físico e o emocional, mas nenhuma dessas barreiras consegue apagar ou diminuir o valor que cada criança possui na vida das suas famílias.

Ocorrem noites em claro, choros que surgem quando menos se espera e pedidos de carinho nas horas mais inapropriadas, geralmente quando se tem uma pilha de trabalhos atrasados, resumos e muitos outros. Existe a pressão social, familiar e do círculo de amigos, mas a vitória e a vontade de conquistar acaba se tornando ainda maior e fazendo com que alcancem suas metas e mostrando que podem ser boas mães e excelentes universitárias. Em um contexto ainda tão duro, fazem o seu lugar ao sol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa constatamos que as dificuldades são reais, que as mães universitárias não tem as mesmas possibilidades que os demais estudantes que não possuem filhos e que mesmo com tais dificuldades elas ainda encontram motivação para continuar firme sua formação acadêmica.

Percebemos a necessidade da criação de programas de incentivo e apoio à essas estudantes que muitas vezes foram constrangidas por não poder entrar no Restaurante Universitário do campus e também excluídas de atividades extracurriculares por não poder utilizar o transporte universitário com a criança, tendo assim de deixar de realizar refeições com preço diferenciado e ter seu rendimento comprometido. Acreditamos que se não forem tomadas medidas cabíveis para apoiar essas estudantes a evasão desse público alvo será inevitável.

Se as instituições adotarem espaços para as crianças, seria um incentivo para a educação, e a amamentação é fundamental, todas as faculdades devem permitir. Se a mãe tivesse alguém responsável pelo filho dela ali, só por quatro horas, já ajudaria muito. O número de mulheres no âmbito acadêmico aumentaria, pois se exclui o bebê, exclui a mãe que está com ele. Assim como os professores

universitários buscam criar profissionais de qualidade, àquelas mães buscam criar bons cidadãos para a sociedade.

A motivação das mães não encontra-se apenas no desejo de realização pessoal, mas também melhorar as condições de vida tanto dela quanto de seu filho. A vontade de servir de exemplo e oferecer um futuro melhor para seu filho, faz com que essas mulheres enfrentem diversos obstáculos todos os dias antes de sair de casa e ainda precisam lidar, muitas vezes, com o preconceito e a falta de compreensão dos colegas e docentes.

REFERÊNCIAS

COULOM, A. **A condição de estudante:** a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

SAMPAIO, S.M.R. Observatório da vida estudantil: histórias de vida e formação na educação superior. In: **III congresso internacional sobre pesquisa “alto” biográfica**, 2008, Natal.

URPIA, A.M.de O.; SAMPAIO, S.M.R. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico:** dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. Revista Recôncavos, v.3, n.2, p.30-43, 2009. Disponível em <http://www.UFRB.edu.br/reconcavos/pdf/ana-maria-de-oliveira-urpia-sonia-maria-rocha-sampaio.pdf> Acessado em: 25 de julho de 2017.